

CRÔNICA

Paulo Pestana • papestana@uol.com.br



Boêmios do meio-dia

A vida no bar começa aos 18. É o que manda a lei brasileira, mais generosa que a de outros países, que exigem a idade mínima de 21 anos para o primeiro gole — pelo menos o oficial. Mas termina quando? Macróbios tendem a se recolher; alguns por rabugice, outros por força de incapacidades que vão se avolumando com os anos. Mas muitos resistem, parecem inoxidáveis.

Bem mais do que o álcool, esses irreduzíveis são levados pela comunhão com os companheiros, uma vez que pequenas confrarias são formadas nesses ambientes e, afinal, também é preciso dar uma folga para as senhoras esposas. Nem são mais tão hedonistas assim, muitos abandonaram o álcool e vivem de água mineral.

O horário mudou. Não é mais preciso esperar o fim do expediente para que sejam iniciados os trabalhos e a vantagem é que a parcimônia leva a discussões mais respeitadas, embora acaloradas. O problema é que ninguém pode faltar; uma ausência gera especulação, quase sempre sobre a saúde do ausente.

Esses boêmios do meio-dia têm um porto seguro no bar, ainda que seja improvisado, como acontece com a banca do Cordeiro, no Lago Norte, que vende o jornal do dia, com o valor agregado de uma mesinha, cadeira e cerveja gelada. Lá se reúnem rapazes de antigamente que deram duro a

vida toda e hoje podem curtir o ócio da aposentadoria de forma criativa.

Nessas reuniões informais, que se espalham por toda a cidade, não há limites para os temas, do futebol à política, embora o momento conturbado venha provocando abalos entre velhas amizades. Mas nenhuma tempestade é maior que a camaradagem. A vida segue e tudo acaba diante de alguém que chega de repente e brada: “Trouxe de Orizona. Vocês precisam experimentar essa pinga!” — e a discussão de volta para o líquido, parcimoniosamente dividido, até que as patroas chamem.

Não serve para todos. Há quem prefira fazer diferente, caso de Renato Vivacqua, que passou muitos dias cuidando da saúde dos outros e as noites entrevistando grandes vultos da música brasileira entre garrafas, cita Simone de Beauvoir — que se queixava do naufrágio da idade — preferiu se recolher, ficar entre seus livros e discos. Não frequenta mais os bares, nem mesmo os cafés.

É uma perda para os

amigos, que respeitam a decisão, mesmo sem ter mais a chance de ouvir as deliciosas histórias, temperadas do conhecimento e da erudição de Vivacqua, que sempre adorou barzinhos, onde teria entornado toneis, dezenas de garrafas que entupiam o espaço sob a mesa, segundo

ele próprio relata. “Rígido das obrigações, mundano no dia a dia. Um médico e monstro tupiniquim.”

E dessa vivências também surgem histórias como a do companheiro de copo chamado Nicolau, que diariamente deglutia umas e muitas, quando certa vez pegou um copo

trincado e foi alertado por alguém, já que poderia haver algum caco misturado na bebida. Ele levantou o copo, fitou-o por alguns segundos e, para não desperdiçar o conteúdo, exclamou, confiante: “Se não morrer, sou faquir!”. E despejou o líquido alcoólico na goela.

